

O ESTÁGIO COMO PRIMEIRO CONTATO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ayllana Araújo Pinto
Aluna do Curso de Pedagogia – UERN/Assu
ayllana_21@hotmail.com

Helena Perpetua de Aguiar Ferreira
Professora do Curso de Pedagogia – UERN/Assu
helenaaguiar@gmail.com

Nalgia Maria Bezerra Lopes
Professora do Curso de Pedagogia – UERN/Assu
naligiabezerra@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de apresentar e compartilhar as primeiras experiências vivenciadas como professora de uma sala de aula na educação infantil, atendendo crianças na faixa etária de cinco anos e sendo proporcionado pelo Estágio Supervisionado I do curso de Pedagogia. O foco se deu através das práticas desenvolvidas, das dificuldades encontradas e superadas, das aprendizagens e da importância da responsabilidade docente. A metodologia de cunho teórico desenvolveu-se a partir dos referenciais de autores como Pimenta (2011), Pimenta e Lima (2008), Veiga (1994), Tardif (2010), Freire (1996), Piaget (1974) entre outros; além de relatos da própria vivência do estágio através da observação e da prática docente na Escola Complexo Educacional Santo André, em Assu/RN. Compreendemos o estágio como um elemento norteador de uma prática fundamentada na autonomia dos educadores frente às realidades vivenciadas em sua rotina escolar e não apenas como o pólo prático do curso, que por sua vez, deverá se constituir de reflexão a partir da realidade escolar. O contato com escola, seu fazer e suas experiências construídas no dia a dia nos possibilitam sair do abstrato para o concreto em que a teoria seja articulada com a prática, sem estarmos falando de coisas diferentes e indissociáveis, mas de elementos na forma educativa, buscando introduzir os conhecimentos adquiridos, para que não se diga: “na prática a teoria é diferente”.

PALAVRAS-CHAVE: estágio, prática, experiência docente.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca relatar a experiência do estágio como primeiro contato à prática docente, saindo do estudo teórico, ou seja, das teorias educacionais que norteiam a formação do professor, partindo para a primeira regência, onde foi possível estabelecer as relações ocorrentes entre teorias e práticas educacionais.

O trabalho deste artigo iniciou-se antes mesmo da vivência do estágio através da nossa curiosidade em saber como a disciplina de Estágio Supervisionado I compreendia o estágio, qual era a ementa e a forma de trabalho a ser desenvolvida junto aos alunos; já que neste momento do curso - o primeiro estágio - os alunos já havendo passado por ele, relatam como um momento difícil e conflituoso, em outras palavras, que a realidade dos contextos escolares está bem distante dos discursos realizados em sala de aula em sua formação. Sendo assim, os primeiros questionamentos foram surgindo em sala de aula: como o professor da disciplina do Estágio iria nos orientar fora do contexto universitário? As orientações feitas em sala realmente nos permitiriam saber fazer, e, sobretudo, se nós estagiários é que adquirimos o fazer pedagógico ou podíamos encontrar em livros?

Ocorreu por parte da professora de estágio, um momento de estudarmos resoluções, diretrizes e o currículo do Curso de Pedagogia da UERN e ainda autores como Pimenta e Lima (2008) na compreensão do estagiar, Oliveira (2008) e Kramer (2005) sobre o fazer na Educação Infantil e um resgate das outras disciplinas já estudadas, para que compreendêssemos que não se trata de teoria sendo uma coisa e prática outra, mas que são processos indissociáveis. Sendo assim, tratamos das especificidades do Estágio Supervisionado no contexto da Educação Infantil com o foco em saber o que se compreende por estágio, como se realiza no contexto escolar, sobre sua importância para a formação e atividade docente, antes mesmo de falar da relação professor - aluno e conteúdos em sala de aula.

Partindo desses estudos surge uma pergunta de partida que foi essencial: Será que no momento do estagiar, na regência¹, daríamos conta de colocarmos em prática e elaborar um projeto com o que aprendemos até o momento em teoria, superando dificuldades e limitações?

Nosso primeiro contato com a escola e o ambiente da sala de aula foi através de observação e reconhecimento do espaço, além de conhecer quem são os alunos e os profissionais envolvidos, a metodologia utilizada em sala de aula, as interações existentes, as relações afetivas, o educar e o cuidar, tão importantes para o trabalho junto às crianças na Educação Infantil, que como afirma Kramer (2005) “Quem educa cuida e quem cuida educa”. Outras observações foram feitas como a elaboração das atividades que promoviam o estímulo para o aprendizado dos alunos, e, em seguida, com os dados observados e analisados, elaboramos um projeto de trabalho a ser aplicado na sala de estágio.

¹ Regência - compreendemos como sendo o momento em que o aluno assume a sala de aula e suas atividades pedagógicas por alguns dias com o auxílio do professor titular, executando projetos antes já elaborados e avaliados pela escola.

Este projeto teve a proposta de trazer literatura infantil e a ludicidade, devido a necessidade sentida através da primeira etapa do estágio que foi a de observação, acreditando que estimular as crianças nessa fase escolar para a importância do ato de ler, da imaginação e criação é essencial no seu desenvolvimento, pois conforme Teberosky e Colomer (2003) numerosos estudos têm mostrado que ao compartilhar a leitura de um livro com as crianças pré-escolares não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem (p.20).

Reconhecemos que estagiar na educação infantil foi essencial para a formação e atuação do pedagogo, para a consciência que é na educação infantil que está o alicerce da educação do sujeito e de condições favoráveis para um caminho mais fácil e prazeroso de sua jornada como aprendiz, ainda salientando que é neste estágio onde surgem muitas incertezas, porém também identificamos a afirmação da escolha da profissão.

Destacamos as relações de teorias e práticas na vivência de estagiar na Educação Infantil, e ainda, em relação aos objetivos específicos pontuamos compreender como se ocorreram às aprendizagens e saberes construídos neste estágio e a caracterização das práticas pedagógicas dos alunos estagiários.

Partimos do pressuposto que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção (FREIRE, 1996, p.47).

1 - OS SABERES NECESSÁRIOS DO ESTAGIÁRIO À PRÁTICA PEDAGÓGICA

De acordo com Demo (2004) a Universidade que apenas reproduz conhecimento é desnecessária [...]. O aluno não a frequenta para assistir aulas e reproduzi-las, mas sim para construir conhecimentos, partindo dos já existentes, o que depende do seu esforço e da orientação do professor.

Ao ingressar ao Curso de Pedagogia, o aluno universitário tem a oportunidade de perceber muito cedo a dimensão da responsabilidade e o comprometimento que o profissional da educação precisa assumir e o quanto a sua formação é um processo contínuo e necessário, sendo que acreditamos em saberes de qualidade que influenciarão diretamente na vida de seus alunos e na construção de seus conhecimentos, afinal, cabe ao pedagogo a responsabilidade de Esta compreensão é de H. Gardner, consultar: GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

contribuir com ferramentas para um bom caminhar de um sujeito, a preparação em ser cidadão para a vida, implicando no auxílio do desenvolvimento de suas inteligências².

O estágio é uma etapa da formação inicial, identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, contrapondo à parte teórica que, na verdade, ao compreendê-las não se trata de duas partes, mas um todo que se completa e que Pimenta e Gonçalves (1990) apud Pimenta (2011) traz onde a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará.

Nessa perspectiva, o estágio, se constitui no momento de articulação da teoria com a prática, sendo o teórico representado por um conjunto de ideias constituído pelas teorias pedagógicas, sistematizado a partir da prática realizada dentro das condições concretas de vida e de trabalho. (VEIGA, 1994, p.17).

Sobre a prática educativa que é o trabalho do professor, estamos de acordo com Zabala (1998) que compreende a prática do professor como algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais complexo, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, e que assim, não significam receitas prontas e acabadas, elas envolvem dimensões relacionadas à rotina, ao *habitus*, a formação do professor observando-se o contexto de complexidade e diversidade na qual se inserem.

Portanto, acreditamos que a ação docente está atrelada ao saberes, esses construídos de vários caminhos, pois segundo Tardif (2010), pode-se definir o saber docente como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. Entendemos esses saberes pelo conjunto de saberes transmitido pelas instituições de formação de professores (profissionais); como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo (pedagógicos); aos diversos campos do conhecimento integrados sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e cursos distintos (disciplinar); os saberes que correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos escolares (curriculares) e os saberes específicos baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio (experienciais). O saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo.

A noção de “saber” de Tardif (2010) parte de um sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser. Esse sentido sugere um processo centrado no estudo dos saberes dos atores em seu contexto real de trabalho, em situações concretas de ação.

A prática dos professores não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço prático específico de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática. O Estágio traz elementos da prática do professor que está na ativa para serem discutidos com os alunos que estão em processo de formação, para um aprofundamento teórico dessa prática, inclusive numa tentativa de melhoria dessa prática. O estágio deverá, portanto, servir como fonte de reflexão sobre os aspectos teórico-práticos do processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de um elo possível de tornar concreta a fundamentação teórica e a prática educacional exigida na formação do profissional no curso de Pedagogia.

Entendemos que cabe ao professor a responsabilidade de buscar no seu dia a dia de docência a realização de atividades que estejam (co) relacionadas com o embasamento teórico e com as necessidades específicas de cada aluno, lhe proporcionando possibilidades de avanço e transformação cognitiva, social e afetiva.

Dessa forma, espera-se que o estágio seja um aporte prático, onde os alunos coloquem suas teorias estudadas em um pólo de efetivação (a escola), que seja o lugar onde terá o primeiro contato com a profissão, deixando os muros da Universidade e partindo para o campo do mercado de trabalho, da prática da profissão propriamente dita.

O ato de educar necessita de afeto, dedicação e vários outros sentimentos, mas também necessita envolver os estudos teóricos, assim como o subjetivo de cada professor, do seu interesse em ajudar e conhecer a vida do aluno, o contexto em que estão inseridos, para que assim, a educação aconteça de forma mais cuidadosa, respeitando os limites de cada aluno, para que se crie um elo entre o professor e o aluno, e é esse elo que aos poucos faz surgir um encantamento, havendo a transformação do conhecimento, pois quando o professor ganha a confiança do aluno o processo de ensinar e aprender acontece de forma mais espontânea e fácil.

Tendo como exemplo o filme - *Escritores da Liberdade* (1989)³, um drama que traz o convívio de uma professora novata, uma escola de ação inclusiva e alunos em situações adversas, mas que traz uma mensagem que através de nossos olhares, nos apresenta uma realidade, onde a professora precisa superar seus limites de docente iniciante, acreditando no potencial dos seus alunos, mesmo com as dificuldades enfrentada diariamente por eles, determinada e comprometida em ultrapassar as marcas estabelecidas pela gestão escolar de
³ *Escritores da Liberdade* – um filme de Richard Lagravenese, Produção: Richard Lagravenese (EUA, 2007).

uma política do não saber, e sim transmitindo e acreditando que é a partir da educação, que se pode mudar vidas, mudar suas próprias histórias.

Ao caminharmos entre metodologias e teóricos que envolvem a educação, começamos a perceber que o ato de ensinar vai muito além de uma caneta e um papel, ou de um quadro e giz, mas sim um ato de consciência do saber fazer. E sem dúvida, se confirma a importância da formação.

O estágio se concretiza através do primeiro contato com a escola, é onde o aluno de Pedagogia irá atuar pela primeira vez tendo que arquitetar o conteúdo teórico e de forma sistematizada colocá-lo em prática. É quando de fato, estará à frente dos alunos, propondo conhecimentos e ensinamentos, planejando, organizando conteúdos, elaborando projetos, discutindo saberes com outros professores, enfim, é no estágio que se tem uma aproximação da realidade que será vivenciada profissionalmente, onde tudo que foi visto na formação até o momento poderá ser aplicado.

Para um estágio ser construído com qualidade e aproveitamento em todos os momentos, acreditamos que a base teórica tenha sido muito bem explorada e que os estudos tenham sido intensos, concretizando-se assim na mente do acadêmico, como diz Piaget:

(...) a aprendizagem não se confunde necessariamente com o desenvolvimento, e que, mesmo da hipótese segundo a qual as estruturas lógicas não resultam da maturação de mecanismos inatos somente, o problema subsiste em estabelecer se sua formação se reduz a uma aprendizagem propriamente dita ou depende de processos de significação ultrapassando o quadro do que designamos habitualmente sob este nome. (1974, p.34).

O aluno estagiário deve procurar compreender as situações vivenciadas em sala de aula e aplicar seus conhecimentos e vivências na escola juntamente com a professora da sala que o recebe, nunca tirando a autoridade da mesma, mas sempre discutindo com ela as estratégias a serem utilizadas na sala de aula e pedindo sua contribuição, fazendo-a sentir-se útil para seu estágio. A aprendizagem acontece em todos os momentos do estágio e ela vai se desenvolvendo aos poucos, não é um processo inato, mas pensado didaticamente para que ela aconteça com significação para a criança.

2 - NA ESCOLA E NA SALA DE AULA, É HORA DE ESTAGIAR!

O estágio vivenciado deste artigo foi dividido em três etapas: observação, elaboração de um projeto e sua execução (regência), salientando que sempre o estágio se foca em escolas públicas, somente indo para privadas quando há mais alunos do que instituições.

Na observação inicialmente focamos o âmbito escolar como um todo, percebendo a comunidade que a frequenta, os alunos e efetivamente a sala de aula (infraestrutura e recursos didáticos), além da observação sem contatos diretos ou interferências no momento da aula da professora titular, necessitando de uma atenção especial com o modo de tratamento da professora para com os alunos e dos alunos para com ela, a metodologia aplicada, bem como a dinâmica de aula, as regras dos horários estabelecidos, também enfim, o levantamento de hipóteses, pois esta é a fase de observarmos tudo o que acontece na sala de aula e ao ser redor, para podermos dar prosseguimento a segunda etapa do estágio e as possíveis contribuições.

O segundo passo é a elaboração do projeto no qual foi planejado o que iríamos trabalhar em sala de aula com os alunos, a sala escolhida foi de crianças de 5 anos que no ano seguinte irão pra o primeiro ano em que o projeto elaborado foi trabalhar com a Literatura Infantil já mencionado no início do artigo. A escolha deste projeto se deu devido a oportunidade das observações no primeiro momento, onde percebemos a carência da leitura e de livros infantis no dia a dia da escola, e assim, acreditarmos que o ato de ler na educação infantil além de proporcionar momentos prazerosos é essencial a criança, possibilitando maiores aprendizagens e facilidades ao processo de alfabetização e criatividade.

Posteriormente desenvolvemos o momento da regência, ou seja, a relação da prática com a teoria estudada e elaborada até o momento do curso, como diríamos a hora da verdade, aplicação do projeto aprovado pela professora da sala e a equipe pedagógica da escola.

Primeiramente trouxemos vários contos literários para que os alunos pudessem além do contato com os livros diariamente, perceber que cada livro trazia consigo uma história diferente, que manuseassem e explorassem os livros objetivando o prazer do momento que a hora de ler pode oferecer, além de criar uma rotina desse momento. Assim, procedeu-se a primeira semana em que havia a “Hora do Conto”, que se constituía no momento em que eles escolhiam uma história para ser contada e depois explicada por um deles, onde a cada dia escolhia-se uma história diferente e uma criança diferente, fazendo com que todos interagissem.

Na semana seguinte, elegemos em grupo qual a história que eles mais gostaram de ouvir durante a semana anterior, e com ela criaríamos o nosso próprio livro, a nossa própria história. Aqui o nosso objetivo era oferecer ao aluno a possibilidade e autonomia de recriar

e/ou de construir sua história, o que resultou na construção de um livro coletivo em que todos fizeram juntos, expressando seus entendimentos e criatividade.

O resultado não poderia ter sido melhor. Fizemos um mural para exposição onde os pais pudessem ver a construção deles e por fim, houve a culminância do projeto que foi uma peça teatral com a mesma história encenada por todas as crianças. Esse momento foi de grande importância para todos, alunos, professores e estagiários que perceberam que os objetivos do trabalho haviam sido alcançados.

Dessa forma, concluímos que a vivência na sala de aula, o ato de estagiar nos possibilitou a afirmação da escolha pelo curso. A vivência do estágio foi essencial para a concretização e afirmação do profissional que está se graduando no curso de Pedagogia.

É nesta etapa do curso que conseguimos ter o contato com a profissão escolhida, é agora à hora de estar à frente da turma, o momento em que os papéis se invertem, onde a professora titular senta-se e o aluno estagiário é quem precisa assumir as responsabilidades, o comprometimento e o controle da sala, se constituindo em um momento difícil, mas superado na formação inicial do Pedagogo, pois é exatamente neste momento que o estagiário fica a frente de seus próprios limites, da dimensão do ensinar algo a alguém e de ter em suas mãos muitas crianças para possibilitar caminhos. É neste momento que ele perceberá quais as dificuldades enfrentadas por este profissional, qual o lado positivo da profissão, quais os métodos melhores de aplicar sua didática, a relação com os pais dos alunos pela primeira vez, a humildade em cada erro e a alegria em cada acerto.

Além disso, muitas vezes estagiar também possibilita na própria escola possibilidades de reinventar seus fazeres. As parcerias com as escolas para estagiar são de grande importância, e salientando que cabe ao aluno estagiário a consciência ética e responsável de zelar por práticas de aprendizagem no período de sua atuação na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia é por si só, um desafio. Um desafio que nos solicita saberes, comprometimentos, superações e competências⁴. O que podemos destacar é que foi percebido que o estágio como sendo solicitado nos últimos semestre dos cursos de Pedagogia, e muitas vezes, desvinculado das atividades praticadas

⁴ Esta noção é de P. Perrenoud, consultar: PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar, trad. Patrícia Cittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

pelos alunos nos semestres anteriores, traz em si uma grande expectativa e ansiedade, além no qual todos os problemas e deficiências apresentadas durante o curso têm sua chance de aparecer e ser articulado em poucas horas aulas de estágio.

O estágio é um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mas como uma atividade. Sendo assim, pode servir às demais disciplinas e, nesse sentido, ser uma atividade articuladora do curso. E, como todas as disciplinas, é uma atividade teórica na formação do professor e instrumentalizadora da práxis educacional, ou seja, de transformação da realidade existente.

Esse artigo apresentou as primeiras experiências vividas pelo aluno do Curso de Pedagogia através do Estágio Supervisionado I que está relacionado à Educação Infantil. Foram várias as dificuldades e os aprendizados que ficaram marcados para uma prática profissional futura proporcionada na formação através dessa vivência que foi um elemento norteador da prática docente.

A escola proporciona o espaço físico e com ele saberes que nos possibilitam sair do abstrato, das salas da Universidade e partir para a prática, ressaltando que tais práticas se configuram não de forma assistencialista, mas de forma educativa. Dessa forma encontramos em Oliveira (2008) sobre as transformações das práticas docentes que só se efetivarão se o professor ampliar sua consciência sobre sua prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade (p.13).

Salientando que se tratando de um estágio na Educação Infantil, não poderíamos deixar de falar do comprometimento que temos com vidas no que diz respeito ao cuidar e educar, pois ao nos propormos trabalhar com crianças precisamos nos conscientizar da responsabilidade de oferecer as oportunidades e caminhos que condizem com este período da infância, pois é na educação infantil que a criança, e em nenhuma outra fase, está tão aberta e disposta ao conhecimento e a novas aprendizagens.

Sendo assim, a aproximação à realidade só tem sentido, e concordamos com Pimenta e Lima (2008), quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios são burocratizados, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

Ao passar por todas as etapas deste Estágio Supervisionado I, desde sua observação até a prática de sala de aula podemos concluir que essa é uma etapa essencial no curso, e que o curso de Pedagogia deveria repensar suas diretrizes possibilitando ao aluno maior tempo de contato com os contextos escolares, participando não somente da observação e regência, mas também das reuniões pedagógicas, do que é iniciar um ano letivo e maior tempo de

assimilações teóricas e práticas, pois são grandes aprendizados na formação desse profissional.

Em outras palavras, podemos perceber na prática o que a teoria em si não dá conta, pois há saberes existentes que provem da experiência do dia a dia, dos pares, das relações aluno-professor, que as metodologias nos auxiliam, nos fundamentam para uma prática mais consciente e planejada, visto que é na escola que percebemos o quanto o papel de Pedagogo é importante para o processo da construção de conhecimentos, transformações e aprendizagens de um ser humano desde a forma de falarmos, de nos expressarmos, até a forma de trocar conhecimentos com os nossos alunos que se constitui em momentos construtivos.

Concluimos, portanto, com o entendimento de que os professores orientadores de estágios devem proceder durante a disciplina de Estágio Supervisionado, a essa apropriação da realidade, tendo a sensibilidade de resgatar quando necessário, conhecimentos que precisam ser construídos, de ser um profissional facilitador da articulação de teoria e prática e que possa junto dos seus alunos estagiários solicitar autonomia e responsabilidade para analisá-la e questioná-la criticamente a luz de teorias estudadas e discutidas nas Universidades, trilhando e propondo novas experiências educacionais.

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro **Universidade, Aprendizagem e Avaliação** - Horizontes reconstrutivos. Mediação, Porto Alegre, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRAMER, Sonia. (org) **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**, São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**, 4.ed. – São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).
- PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. In: Aprendizagem e conhecimento. Tradução Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 9ª edição. São Paulo. Cortez, 2011.
- PIMENTA, Selma P. e LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência**, 3ªed. São Paulo: Cortez 2008 (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**, trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2ªEd. Campinas, Papirus, 1994.

ZABALA, Antonio, **A prática educativa: como ensinar**, trad. Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998.